

**FORTALECENDO A POPULAÇÃO LGBTQIA+ PERIFÉRICA
DO DISTRITO FEDERAL
RELATÓRIO DE PESQUISA**



MAPA DOS AFETOS

**FORTALECENDO A POPULAÇÃO LGBTQIA+
PERIFÉRICA DO DISTRITO FEDERAL**

RELATÓRIO DE PESQUISA

2020

Autores/as do relatório:

Fábio William Pereira, Lucas Miguel Salomão, Victoria Dias e Leila Saraiva.

Revisão:

Leila Saraiva e Tâmara Jacinto.

Equipe de pesquisadores/as:

Ariel Pessoa de Souza, Athena Aires, Estéfane Soares, Fábio William Pereira, Gabriela Sousa Ribeiro, Hugo Queiroz, Jad Willian, Kadan Lopes, Laisse Rodrigues, Lucas Miguel Salomão, Maria Eduarda Andrade, Matheus Reis, Nathany Brito Rodrigues, Nayla Raquel Paulo Ricardo, Raiane Amâncio Medeiros, Vanessa Domingues e Victoria Dias.

Normalização:

Bibliotecária Nathany Brito Rodrigues

Como citar:

PEREIRA, F. et al. Mapa dos afetos: fortalecendo a população LGBTQIA+ periférica do Distrito Federal: relatório de pesquisa. Brasília: Instituto de Estudos Socioeconômicos, 2020.



APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa foi elaborada pelo GT Gênero e Sexualidade do Movimento Nossa Brasília, no âmbito do projeto “Mapa dos Afetos”. O Movimento Nossa Brasília é um movimento da sociedade civil que se organiza em rede e articula pessoas, movimentos sociais, iniciativas e organizações comunitárias que compartilham a defesa do Direito à Cidade e dos Direitos Humanos com uma perspectiva crítica, popular e coletiva. Suas principais áreas de atuação são Mobilidade Urbana, Agroecologia e Agricultura Urbana, Gênero e Sexualidade Cultura e Resíduos Sólidos. Relacionando a luta pelo Direito à Cidade e a pauta LGBTQIA+, o GT Gênero e Sexualidade, é composto por pessoas LGBTQIA+, negras, periféricas, centrando seu trabalho na luta pelo enfrentamento das desigualdades e a construção de possibilidades de afeto e redes de apoio nos distintos territórios do Distrito Federal.



INTRODUÇÃO

É sabido que os direitos humanos devem ser universais. Foi a partir da problematização desta afirmativa que iniciamos a nossa análise, trazendo algumas perguntas: a população LGBTIA+ tem acesso integral e universal à cidade? Como é a percepção de segurança? O que tornaria um local seguro e acolhedor para quem assim se identifica? Ao procurar responder tais questões, chegamos também a outros determinantes, para além da questão de gênero e sexualidade, como a questão de classe social e principalmente de raça. Sabendo que os corpos periféricos são em sua maioria negros, dado a construção histórica desses territórios, também pudemos perceber que, além de sofrerem com as discriminações e dificuldades por serem LGBTQIA+, esses corpos ainda sofrem com o racismo e com o classismo.

As subjetividades dos corpos LGBTQIA+, negros e periféricos que construíram essa pesquisa, qualificam o trabalho a ponto de se ter vozes geralmente silenciadas e apagadas na sociedade, na academia e nas produções científicas em geral, fazendo com que esses sujeitos afirmem suas identidades e se posicionem enquanto cidadãos. Dentro do projeto, esse protagonismo contribuiu para que essas pessoas pensassem formas de buscar equidade em direitos, assim como a melhoria da sociedade, através da divulgação de nossas vivências. Nesse sentido a pesquisa se faz importante ferramenta não só de análise numérica, mas também de reflexão e de potencial transformador para esses territórios pesquisados e podendo ser replicada em outros.

Assim, o presente relatório tem como objetivo relatar o processo de pesquisa de identificação de territórios amigáveis as pessoas LGBTQIA+, em específico de três regiões administrativas do Distrito Federal: Estrutural, Itapoã e Paranoá. Entendendo que o espaço de acolhida e de respeito às diversidades sexuais e de gênero são difusos e enfrentam grandes desafios, propomos a criação de um instrumento de coleta de dados e construção conjunta de territórios acolhedores. Enquanto objetivos específicos, pontuamos a promoção do debate sobre as questões de sexualidade, gênero, afeto e acolhimento, segurança e direitos dessa população, envolvendo coletivos e movimentos locais na construção desse mapeamento, discutindo o direito à cidade e as vivências desses corpos, especialmente através da experiência do grupo temático de gênero e sexualidade do Movimento Nossa Brasília.

O termo LGBTQIA+, aqui utilizado, foi escolhido por conseguir abarcar informações sobre a população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais. O símbolo + diz respeito à inclusão de outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero. Sendo assim, a escolha do termo visa garantir a representatividade toda uma população que sofre com a invisibilidade nos meios científicos e acadêmicos.

Os territórios escolhidos para a pesquisa são: Estrutural, Paranoá e Itapoã; regiões administrativas (RAs) do Distrito Federal (DF), três periferias, onde o acesso às políticas públicas e aos direitos sociais tem suas especificidades. A Estrutural, que até o início do ano de 2019 abrigava um dos maiores aterros sanitários da América Latina (atualmente desativado), possui os menores indicadores de políticas públicas, assim como um orçamento público inferior ao de outras regiões do DF, com fragilidades específicas que perpassam todas as esferas da cidade, tais como: a precariedade de aparelhos públicos, um IDH muito baixo e a presença da Santa Luzia, bairro localizado dentro da cidade, onde não se tem saneamento básico ou

condições humanas de vida; nesse território tão específico ainda temos a presença do maior percentual de pessoas negras (pretas e pardas) do DF, assim como o maior número de igrejas cristãs neopentecostais, o que afeta diretamente a população LGBTQIA+, a vida e a permanência na cidade. O Paranoá e o Itapoã também são regiões administrativas que se encontram na periferia do DF. As duas RAs têm características muito distintas, mas convergem em diversos pontos, como, por exemplo: maioria da população é negra, níveis de escolaridade similares, quantidade de serviços e de orçamento destinado a cada uma RA, etc.

É importante dizer que os dados sobre pessoas LGBTQIA+ no Brasil são poucos ou inexistentes, e o Distrito Federal acompanha esse triste cenário nacional. Pensando na realidade de dados e indicadores no Distrito Federal, temos por parte do poder público publicado pela Codeplan em 2008, uma pesquisa chamada "Um olhar sobre a população LGBTQIA+ no Distrito Federal". Os dados dela foram obtidos a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre a composição familiar do domicílio pesquisado. Logo, os dados relacionados a pesquisa se referem apenas às famílias com pessoas que declararam possuir relacionamento homoafetivo, pessoa de referência e cônjuge do mesmo sexo na mesma família pesquisada. Deste modo, as informações dizem respeito somente a uma pequena parcela da população LGBTQIA+. A ausência de dados oficiais sobre a população LGBTQIA+ e de informações atualizadas das múltiplas formas e experiências foi um dos incentivos para que nos empenhássemos em realizarmos nossos próprios levantamentos.

O grupo referência que participou da formação e da pesquisa, como dito anteriormente, é composto por membros do Movimento Nossa Brasília, GT de Gênero e Sexualidade. Somos pessoas LGBTQIA+ da Estrutural, do Itapoã e do Paranoá, um grupo diverso com diferentes identidades, representações e atuação em diversos coletivos. Trata-se de um grupo de em média 20 pessoas, todas LGBTQIA+ de periferias, em sua maioria pessoas negras, que encontraram no GT um espaço que para além da discussão política, das formações e do poder de incidência, puderam também se acolher e afetar-se entre si.

Por conta do cenário mundial, com medidas tomadas diante da pandemia do Coronavírus, o projeto precisou ser desenvolvido remotamente. Assim sendo, os encontros foram virtuais, utilizando de ferramentas *online* para que pudéssemos dar prosseguimento na realização. Utilizamos de ferramentas como Zoom, Mentimeter e outras que, para além do nosso arcabouço teórico e disponibilidade das oficinas, foram importantes durante o processo. A pesquisa foi realizada entre agosto e setembro de 2020 e ao todo foram oito encontros, em que em cada um deles era conduzido de forma horizontal e garantida a participação e pertencimento de todas as pessoas, sendo assim tivemos os momentos descritos abaixo:

06/08 - APRESENTAÇÃO DE PROPOSTA DE FORMAÇÃO E ANÁLISE DE CONJUNTURA

Nesse primeiro encontro, juntamos o grupo referência para fazer uma apresentação do projeto e proposta de como seria nosso calendário e ações. Também fizemos uma conversa com o psicólogo transexual Ernesto Nunes, que propôs uma metodologia de análise de conjuntura focada na população LGBTQIA+ e nos territórios do DF.

11/08 - DIREITOS LGBTQIA+ E POSSIBILIDADES DE PESQUISA NA PANDEMIA

Nesse encontro tivemos a contextualização da História da luta LGBTQIA+ geral, Brasil e DF com a convidada: Tatiana Lionço (Professora da psicologia – UnB, militante LGBTQIA+) e daí surgiu a discussão: Como levar à frente nossa pesquisa no contexto da pandemia? Também aí tomamos as decisões sobre as ferramentas utilizadas na pesquisa.

18/08 - PROCESSO DE CRIAÇÃO DOS FORMULÁRIOS

Nesse encontro, formulamos os questionários e o que estaria compondo-os, passando em seguida para a aplicação dos mesmos, para que pudéssemos tabular e analisar os dados coletados.

20/08 - FINALIZAÇÃO DE QUESTIONÁRIO E ANÁLISE

Nesse encontro, analisamos os dados conjuntamente, já fazendo alguns cruzamentos e pensando em formas de divulgar os dados.

25/08 - PROPOSTA SOBRE PRODUTOS DA CRIAÇÃO AFETIVA E ARTÍSTICA

Nesse encontro, nós tivemos uma conversa sobre os produtos que queríamos, resultando nas seguintes linguagens: ensaio fotográfico para compor os outros materiais, lambes, cartazes, o selo e o relatório de pesquisa.

08/09 - ANÁLISE DE DADOS DOS QUESTIONÁRIOS QUANTITATIVO E QUALITATIVO

Apresentamos de forma bem lúdica e visual os resultados da pesquisa e afinamos os últimos ajustes para a produção dos produtos.

15/09 - APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS E RECEBIMENTO DE IDEIAS DE DIVULGAÇÃO/ PROPAGAÇÃO DO CONTEÚDO QUE ADQUIRIMOS

Conversa sobre o andamento dos produtos, divisão de tarefas e prazos.

22/09 – ÚLTIMA REUNIÃO SOBRE PRODUTOS E PRAZOS

Decidimos as nossas ferramentas para publicar os resultados encontrados e também para que a pesquisa desenvolvida no processo pudesse se transformar em incidência política.



UMA PESQUISA FEITA A MUITAS MÃOS

A elaboração do questionário foi feita a muitas mãos e contou com ampla discussão sobre a motivação para pesquisa, quais dados seriam importantes serem coletados, como seriam coletados, e quais estratégias de engajamento e viabilidade de aplicação deles em 2020, nesse contexto de pandemia. A nossa metodologia contou com reuniões semanais, feitas pela plataforma ZOOM diante da necessidade de distanciamento social. Contamos com mais de 20 participantes na formulação dos questionários, nas reuniões discutimos sobre a viabilidade, possíveis problemas e potências com esse trabalho conjunto.

Ao criarmos espaço para que vozes que são silenciadas tenham as falas escutadas, não apenas possibilitando o protagonismo dessas pessoas, também partimos da lógica de que a pesquisa se torna mais rica quando é feita com e por pessoas LGBTQIA+ que mais entendem as injustiças e possibilidades de incidência política e artística. Possibilitamos que suas demandas sejam ouvidas, restaurando a integridade das subjetividades frequentemente marcadas pela violência e pela discriminação.

No decorrer das reuniões alguns elementos importantes foram levantados:

- O que vamos perguntar e quais dados seriam interessantes para divulgação, principalmente pensando na questão de segurança estando o Brasil em uma conjuntura política e social conservadora.
- Optamos por serem formulários anônimos. Foi levantada a questão da segurança em reunião e alguns participantes falaram que poderiam não responder se precisassem se identificar, então seguimos esse caminho de cuidado e preservação.

Embora a pesquisa se utiliza da expressão LGBTQIA+ como referência, é importante frisar que entendemos que existe grande diversidade de experiências dentro dessa sigla, peculiaridades e necessidades específicas. A atenção à quantidade de diferentes experiências dentro da sigla LGBTQIA+ norteou as escolhas metodológicas e influenciou as análises específicas. Refletindo conjuntamente sobre que tipo de pesquisa que queríamos e quais perguntas seriam interessantes, optamos por fazer dois formulários distintos sendo eles:

- Questionário quantitativo: Com foco em alcançar um público maior, feito para ser respondido de forma rápida e direta.
- Questionário qualitativo: Com foco em entender de forma mais complexa e sensível, sendo uma parte das perguntas respondidas em formato de texto, então demandava mais tempo e disponibilidade da pessoa que responderia.

Nesse processo de construção, foram necessárias duas reuniões pelo zoom com o grupo todo e ainda um trabalho individual para que conseguíssemos elaborar todas as questões que comporiam os questionários. Sendo assim, a pesquisa foi aplicada na forma de um questionário online hospedado no site Typeform, onde os próprios participantes do projeto mobilizaram e aplicaram em seus territórios e redes.



O QUE OS RESULTADOS INDICAM

Esta seção apresenta dados sobre as experiências dos entrevistados sobre espaços seguros, violência e ponderações sobre como os lugares podem se tornar acolhedores. Em um olhar global para os resultados da pesquisa, percebemos que as pessoas LGBTQIA+ enfrentam obstáculos para desfrutar seus direitos fundamentais. Boa parte dos entrevistados disse que sofreu ou viu alguma pessoa LGBTQIA+ sofrer uma violência por ser quem são. A maior parte dos entrevistados também indicou que não existem lugares locais seguros a LGBTQIA+ em seu território. No total, obtivemos 102 respostas do questionário quantitativo (sendo que desses 20 foram no Itapoã, 28 na Estrutural, 25 no Paranoá e 28 em outras regiões administrativas), e 48 respostas do questionário qualitativo (sendo 12 respostas no Itapoã, 17 na Estrutural, 10 no Paranoá e 9 de outras regiões administrativas).

1. QUANTITATIVO

Da análise dos dados, pudemos verificar a partir das 102 respostas do questionário quantitativo alguns dados importantes que montaram os perfis que analisamos, como veremos abaixo:

Faixa etária - 48% tem em entre 20 e 24 anos, representando a maioria das pessoas que responderam, 26,5% tem entre 15 e 19 anos, 18,6% tem entre 25 e 29 anos, 4,9% têm entre 30 e 34 anos e 2% têm entre 45 e 49 anos.

Identidade de gênero - 49% se identificaram enquanto mulheres cisgênero, 31,4% enquanto homens cisgênero, 9,8% enquanto não binários, 4,9% enquanto homens trans, 2,9 enquanto mulheres trans, 2% enquanto gênero fluido, 3,9% enquanto pertencentes a outras manifestações de gênero e 2% se abstiveram.

Orientação afetivo/sexual- 32,4% declaram ser bissexuais, 29,4% enquanto homossexuais, 19,6% enquanto lésbicas, 13,7% enquanto pansexuais, 2% de assexuais, 3,9% de outras manifestações e 3,9 se abstiveram.

Raça/Cor: Em sua maioria se declaram negros (pretos mais pardos) compondo 64 %, seguido de brancos 33% e 1% se declarou indígena, preferiu não responder ou declarou outro.

Escolaridade- 33,3% têm ensino superior incompleto, 26,5% ensino médio completo, 17,6% ensino superior completo, 16,7% ensino médio incompleto, 2,9% ensino fundamental incompleto, 2% ensino técnico completo e 1% ensino técnico incompleto.

Ao olharmos esses dados, pudemos perceber pontos que convergem e que responder a problemática da pesquisa. Numa análise breve, podemos perceber que as intersecções entre raça e gênero são bem presentes nos territórios pesquisados, assim como as faixas etárias, nos mostrando e evidenciando uma certa dificuldade em nos aproximar, criar e manter redes com pessoas LGBTQIA+ de faixas etárias maiores, assim como a dificuldade em chegarmos a termos um maior quórum de pessoas transexuais tanto protagonizando quanto participando do processo que construímos.

Também tivemos algumas perguntas que buscaram responder a nossa problemática de pesquisa, resultando nos dados apresentados abaixo:

35,4% responderam “sim” e 64,6% responderam “não” à pergunta: Existem locais seguros para LGBTQIA+ em seu território?

Já para a questão: Você já sofreu ou presenciou uma violência a uma pessoa por ela ser LGBTQIA+ no seu território? 77,5 das pessoas responderam que “sim” e 22,5% que “não”.

A partir desses dados, pudemos mensurar a seriedade da problemática da violência contra pessoas LGBTQIA+ nesses territórios e, a partir daí, além de denunciar essa situação, pensar em formas de incidir para a segurança, acolhimento e qualidade de vida dessa população.

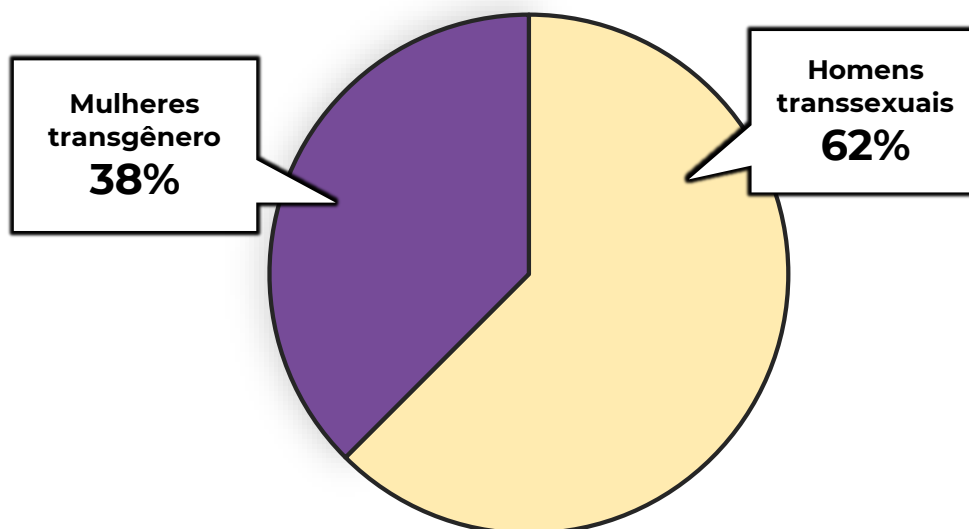
E O “T” DA QUESTÃO?

Pensando nas especificidades e na importância de salientar dados referentes a vivências de um grupo que sofre um processo de invisibilização, decidimos fazer uma seção que evidencia questões observadas de mulheres transgênero e homens transexuais.

Na finalização da pesquisa, fizemos uma reunião com todos/as que participaram do processo de construção e da divulgação da pesquisa para apresentar o resumo dos dados, e a partir da discussão surgiu como necessidade termos um olhar atento a esse grupo. Tivemos 8 % do total de respostas do questionário quantitativo composto por pessoas Transgênero e transexual.

GRÁFICO 1

Porcentagem de mulheres transgênero e homens transexuais na pesquisa



Elaboração própria.

QUADRO 1

Perfil de Homens Transexuais

COR/RAÇA	Composto por 3 brancos e 2 negros
FAIXA ETÁRIA	4 entre 20 e 24 anos e 1 de 34 anos
ORIENTAÇÃO SEXUAL AFETIVA	3 homossexuais e 2 bissexuais
ESCOLARIDADE	3 com ensino médio completo, 1 com superior completo e 1 superior incompleto.
REGIÃO ADMINISTRATIVA	2 moram no Paranoá, 1 Itapoã e 2 em outra região administrativa.

Elaboração própria.

- 4 dos 5 indicaram que não tem locais seguros para LGBTQIA+ no seu território
- 3 dos 5 responderam que já sofreram ou presenciaram uma violência a uma pessoa por ela ser LGBTQIA+ no seu território.

QUADRO 2

Perfil de Mulheres Transexuais

COR/RAÇA	Composto por 2 brancas e 1 negra
FAIXA ETÁRIA	1 entre 15 e 19 anos e 2 entre 25 e 29 anos.
ORIENTAÇÃO SEXUAL AFETIVA	1 lésbica, 1 bissexual e 1 hétero
ESCOLARIDADE	1 com ensino médio completo, 1 com superior completo e 1 superior incompleto.
REGIÃO ADMINISTRATIVA	2 moram no Paranoá, 1 no Itapoã e 2 em outra região administrativa.

Elaboração própria.

- As três indicaram que existem locais seguros a LGBTQIA+ em seus territórios
- As três responderam que já sofreram ou presenciaram uma violência a uma pessoa por ela ser LGBTQIA+ no seu território.

Na questão sobre a segurança sentida nos territórios, quando as pessoas tinham que colocar um número de 0 a 5, sendo que quanto mais próximo de 0 menor a sensação de segurança e mais próximo de 5 maior a sensação, a média dos homens transexuais foi de 3,8, enquanto para as mulheres transgênero foi de 2,33, deu-se indícios de que, a depender do gênero, existe uma menor sensação de segurança.

APROFUNDANDO A ANÁLISE DE DADOS QUANTITATIVOS

No decorrer das reuniões, viu-se a importância de termos um olhar para as interseccionalidades, que são características que se cruzam, entendendo que o sujeito é múltiplo e construído em vários sentidos; desse modo optamos por analisar se existe alguma mudança na sensação de segurança, a depender da região administrativa, gênero e faixa etária. Uma das respostas logo abaixo ressalta, esse caráter múltiplo de violências:

“Todos os dias abordo (as vezes de forma agressiva até) o machismo, homofobia, bullying e racismo que os escrotos andam espalhando por aí, hoje mesmo no meu trabalho isso aconteceu.”

(Homem cisgênero, homossexual, preto, modador da Cidade Estrutural-DF)

No projeto Mapa dos Afetos contamos com uma reunião específica para vermos como esses dados chegaram e se tinha alguma surpresa ou se era parecido com que pensávamos antes da pesquisa.

Foi interessante observar como cada pessoa, a partir de seu lugar do mundo, observa e traz elementos para entender a realidade.

TABELA 1

Sensação de segurança por região administrativa*

RA- REGIÃO ADMINISTRATIVA	MÉDIA
ITAPOÃ	2,35
PARANOÁ	2,73
ESTRUTURAL	2,75
OUTRA RA	3,25

* 0: Nada seguro; 5: Seguro

Elaboração própria.

Mesmo sendo o foco da pesquisa as regiões administrativas do Itapoã, Paranoá e Estrutural, recebemos respostas de outras regiões administrativas do Distrito Federal. Um detalhe que foi observado é que, para essas pessoas, a sensação de segurança é maior do que nas áreas foco do projeto, lembrando que as regiões priorizadas da pesquisa são consideradas áreas da periferia e fazem parte do grupo de baixa renda segundo a Pdad - Pesquisa distrital por amostra de domicílios) de 2018.

TABELA 2

Sensação de segurança por gênero***

RA- REGIÃO ADMINISTRATIVA	MULHER *	HOMEM **	MÉDIA
ITAPOÃ	2,10	2,85	2,44
PARANOÁ	2,66	2,90	
ESTRUTURAL	2,92	2,54	
OUTRA RA	3,31	3,16	

* Junção entre mulheres transgêneras, transexuais e cisgêneras

** Junção entre homens transexuais e cisgênero.

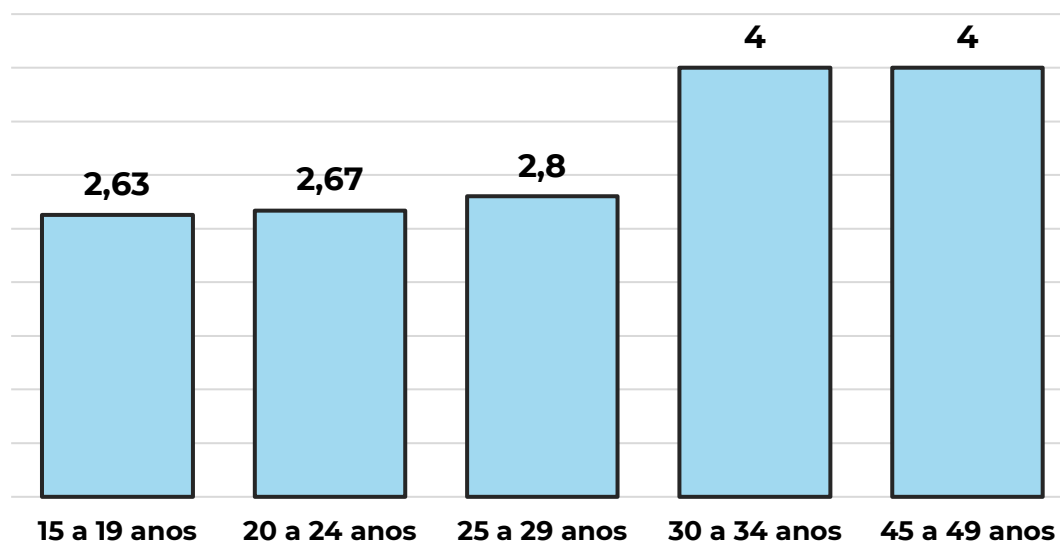
*** 0: Nada seguro; 5: Seguro

Elaboração própria.

Na reunião de discussão sobre a pesquisa que contou com 14 participantes, as pessoas já tinham a impressão que as mulheres teriam uma menor sensação de segurança, o que na tabela 4, ficou visível no Itapoã e Paranoá, e também no gráfico 4 mulheres lésbicas tinham um menor sensação de segurança em relação às demais categorias; mas também houve uma fala referente a como homens gays enfrentam a violência física.

GRÁFICO 2

Sensação de segurança por faixa etária



Elaboração própria.

É possível ver no gráfico 2 que existe um pequeno aumento de sensação de segurança a depender da idade, levantamos a hipótese de que quanto mais velho, mais acesso a bens, conhecimento e isso poderia ser um fator para essa diferença.

GRÁFICO 3

Sensação de segurança por orientação sexual



Elaboração própria.

2. QUALITATIVO

No questionário qualitativo, tivemos ao total 48 respostas. Por ser uma ferramenta que daria “cara” pra nossa pesquisa, as primeiras perguntas foram direcionadas a entendermos o perfil das pessoas que respondem e as últimas direcionadas a percepção dos indivíduos sobre as questões relacionadas abaixo:

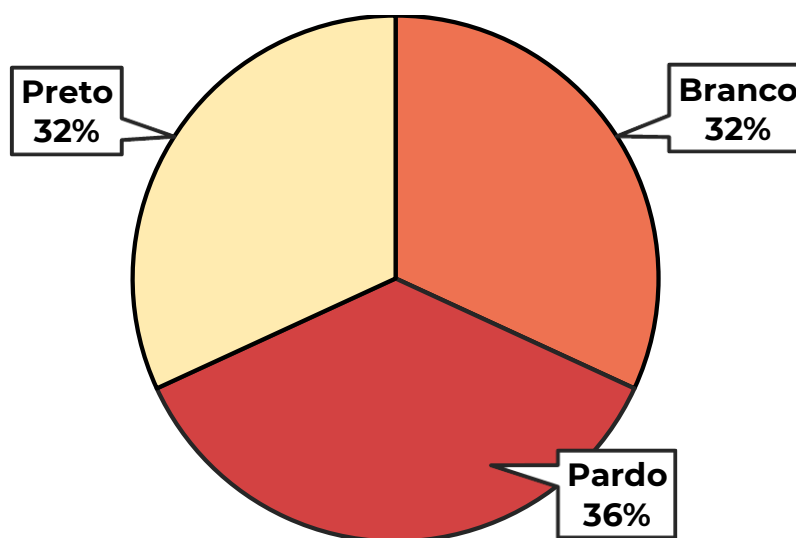
- Existe algum lugar abertamente acolhedor ou amigável a pessoas LGBTQIA+ no seu território? Qual/quais?
- O que na sua opinião torna local ou estabelecimento seguro e acolhedor para pessoas LGBTQIA+?
- Quais medidas você acha que podem ser tomadas para que tenha mais segurança e acolhimento para os LGBTQIA+ na sua cidade
- Compartilhe uma memória afetiva ou de resistência em seu território?

A pesquisa revelou que para a maior parte das pessoas que responderam, as questões de segurança da população LGBTQIA+ assim como as outras pautas dessa comunidade, sofrem um certo apagamento, não sendo prioridade no orçamento público e nem nas discussões governamentais. Na reunião de apresentação dos dados para os participantes do projeto, também houve colocações para analisar os dados qualitativos.

Até o encerramento da tabulação dos dados qualitativos, 48 (quarenta e oito) responderam o formulário. No que diz respeito à região administrativa, 17 (dezessete) da Estrutural, 12 (doze) Itapoã, 10 (dez) Paranoá e 9 (nove) que moram em outras regiões administrativas.

GRÁFICO 4

Raça/cor na parte qualitativa

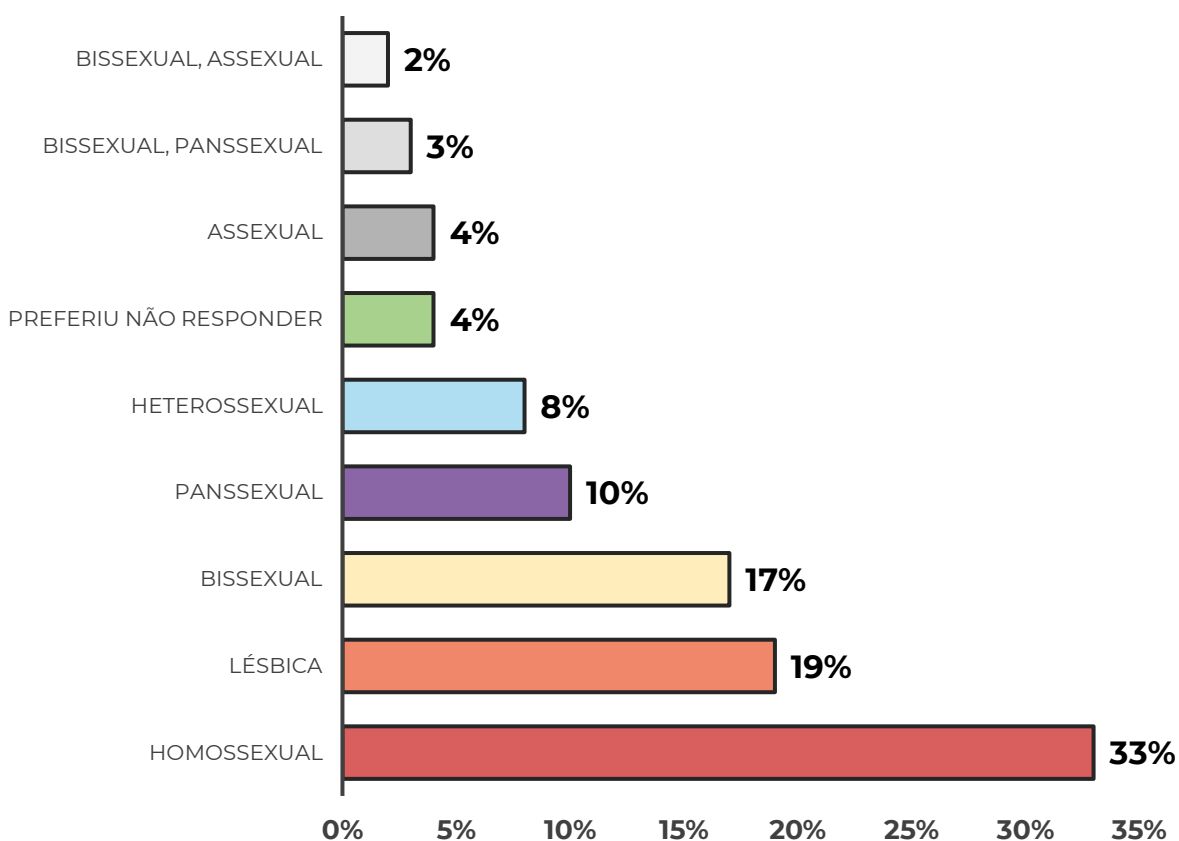


Elaboração própria.

A maior parte dos/as respondentes se declarou negra, sendo um total de 71%. Optamos por seguir a orientação de classificação do IBGE que juntam a pretos e pardos e 38 % responderam que são brancas.

GRÁFICO 5

Perfil Orientação sexual afetiva



Elaboração própria.

No quesito orientação sexual foi visto uma variedade de orientações sexuais e afetivas, o que chamou atenção foi que 10 % responderam que eram panssexuais, sendo que geralmente não se escuta muito falar sobre essa orientação.

A partir dessas impressões e das indagações do grupo, podemos perceber alguns pontos em comum que sugerem formas, procedimentos e melhorias para tornar um local amigável, acolhedor e seguro para pessoas LGBTQIA+.

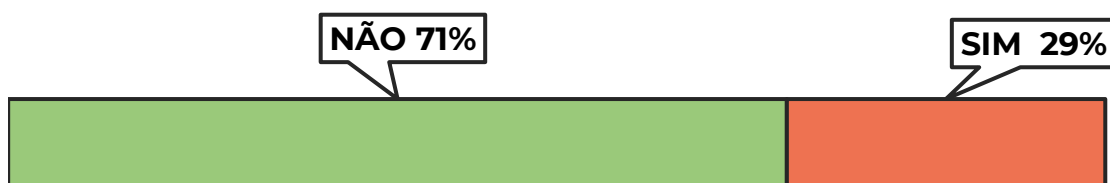
A seguir apresentaremos algumas falas que ilustram e nos auxiliam a entender melhor as demandas e anseios da população LGBTQIA+.



EXISTE ALGUM LUGAR ABERTAMENTE ACOLHEDOR OU AMIGÁVEL A PESSOAS LGBTQIA+ NO SEU TERRITÓRIO? QUAL/QUAIS?

GRÁFICO 6

Respostas relacionadas a lugares acolhedores a LGBTQIA+



Elaboração própria.

“Bom acho que não tem infelizmente, porém existem pessoas do vale LGBTQIA+ na cidade e nos sentimos acolhidos quando uma parte se reúne em algum lugar só para passar tempo sabe .. mas enfim queria um lugar específico onde nós poderíamos compartilhar nossas histórias tirar dúvidas contar com mais pessoa que passa pela mesma situação”

- MULHER CISGÊNERA ENTRE 20 E 24 ANOS, BISSEXUAL, MORADORA DA CIDADE ESTRUTURAL-DF

“Considerando meus costumes por lazer de parques a shoppings, me sinto altamente insegura em relação a olhares quando estou acompanhada por uma pessoa do mesmo gênero que eu. E descredito enormemente que haja algum lugar seguro para LGBTQIA+ no Brasil. Muito pelo contrário, qualquer ambiente se torna ameaçador.”

- MULHER CISGÊNERA ENTRE 20 E 24 ANOS, BISSEXUAL, MORADORA DO PARANOÁ-DF

“Não existe um local físico/privado como bares, restaurantes... no geral os encontros são em lugares públicos como o skate park / Praça Central. NÃO é 100% seguro, mas é onde de forma geral a gente se sente de boas quando estamos juntas de galeris.”

- MULHER CISGÊNERA ENTRE 20 E 24 ANOS, HOMOSSEXUAL, MORADORA DO ITAPOÃ-DF



O QUE NA SUA OPINIÃO TORNA UM LOCAL OU ESTABELECIMENTO SEGURO E ACOLHEDOR PARA PESSOAS LGBTQIA+?

A partir das respostas do questionário podemos separar em três grupos maiores de respostas para essa questão:

- Um local onde eu possa me expressar e demonstrar afeto sem ter medo de sofrer nenhum tipo de agressão e/ou repreensão;
- Um local com LGBTQIA+, ter alguém do vale sempre é confortável;
- Um estabelecimento que exponha cartazes que combatam preconceito, estabelecimentos envolvidos em movimentos ou que apoiem/patrocinem ações pró-LGBTQIA+ Ser administrado por alguém LGBTQIA+ ou ter muitas LGBTQIA+;
- Segurança especializada.

Nas respostas do questionário qualitativo, conseguimos encontrar algumas similaridades e sutilezas relacionada a medidas para locais serem seguros, a presença de amigos e pares parece ser um elemento importante para se sentirem à vontade. A seguir, escolhemos algumas respostas que se encaixam nessa discussão.

“ Um lugar que eu possa me comportar/falar como sou, sem medo de ser agredida”

- MULHER CISGÊNERA ENTRE 20 E 24 ANOS, BISSEXUAL, MORADORA DA CIDADE ESTRUTURAL-DF

“Um local único próprio um local onde tenha segurança especializada. E acolhedor independente da sexualidade. “

- BISSEXUAL, ENTRE 20 E 24 ANOS

“Aquele local que te abraça pela causa, que tá ali pro que der e vier.”

- MULHER CISGÊNERA ENTRE 20 E 24 ANOS, BISSEXUAL, MORADORA DO ITAPOÃ-DF

Nas respostas foi possível observar que grande parte de forma simples e direta que um local acolhedor seria aquele que aceita-se, respeita-se e que desse um tratamento ótimo sem distinção mediante a como cada indivíduo se coloca e se expressa a sua humanidade.



QUAIS MEDIDAS VOCÊ ACHA QUE PODEM SER TOMADAS PARA QUE TENHA MAIS SEGURANÇA E ACOLHIMENTO PARA OS LGBTQIA+ NA SUA CIDADE?

Tivemos respostas diversas, em linhas gerais, para se tornar mais didáticos, abaixo resumimos as ponderações feitas:

- Debate e busca por políticas públicas específicas;
- Programas de conscientização sobre diversidade sexual e de gênero e eventos que deem visibilidade para os LGBTQIA+;
- Construção de redes de apoio regionalmente e locais para acolhimentos a LGBTQIA+ em situações de vulnerabilidade;
- Estabelecimentos de estratégias de comunicação que extrapolem a bolha LGBTQIA+, comunicando assim para todas as pessoas;
- Disponibilidade de aulas de auto defesa.

Abaixo algumas respostas que nos auxiliam a entender o porquê da escolha dessas medidas mencionadas acima.

“Em primeiro lugar a elaboração de uma vasta rede de apoio com pessoas e casas que se disponibilizem a cuidar de pessoas LGBTQIA+, recebê-las em casos extremos ou acompanhá-las enquanto se deslocam pela cidade. Também penso na importância de promover contato entre essas pessoas, para que possam contar uma com a outra afetivamente.”

- MULHER TRANSGÊNERO, LÉSBICA, BRANCA

“Em primeiro lugar a elaboração de uma vasta rede de apoio com pessoas e casas que se disponibilizem a cuidar de pessoas LGBTQIA+, recebê-las em casos extremos ou acompanhá-las enquanto se deslocam pela cidade. Também penso na importância de promover contato entre essas pessoas, para que possam contar uma com a outra afetivamente.”

- MULHER TRANSGÊNERO, HETEROSSEXUAL, MORADORA DO ITAPOÃ-DF

“Políticas de combate governamental à homofobia práticas: propaganda de conscientização, reeducação para OM para identificar e tratar corretamente casos de homofobia, criação de centros de acolhimentos de LGBTQIA+ expulsos de casa, etc.”.

- BISSEXUAL, MORADORA DO PARANOÁ-DF



COMPARTILHE UMA MEMÓRIA AFETIVA OU DE RESISTÊNCIA EM SEU TERRITÓRIO

“Uma performance que amigas me incentivaram e ajudaram a realizar, colocando meu corpo trans no fogo para que fosse visto e para que abalasse a cisgeneridade tóxica de alguns espaços. Também gostaria de destacar todas as memórias dos momentos em que encontrei novos espaços, pessoas e afetos que me promoveram segurança e saúde nessa cidade.”

- MULHER TRANSGÊNERO, HETEROSSEXUAL, MORADORA DO ITAPOÃ-DF

“As caminhadas a noite com os meus amigos. Seja voltando ou indo. Andar em bando, como quem não quer nada, fazendo afronte, rente a olhares alheios e maldosos, na cidade mais evangélica do Distrito Federal, é potencialmente um ato de afeto e resistência.

- HOMEM CISGÊNERO, HOMOSSEXUAL, MORADOR DA CIDADE ESTRUTURAL-DF

“Roda de conversa LGBTQIA+ no ano de 2019, apresentação em eventos realizados por pessoas LGBTQIA+”

- MULHER TRANSGÊNERO, HETEROSSEXUAL, MORADORA DO PARANOÁ-DF

“Certa vez estava em uma praça. E uma mulher me abordou, e perguntou se eu era lésbica. Eu disse que sou bissexual. Ela disse que seu filho era gay e que não tinha amigos aqui e que ele precisou de mudar. E que sentia muita falta do filho, pois ele era a alegria da casa. E começou a chorar contando a história do filho.”

- BISSEXUAL, PARDO, MORADOR DA CIDADE ESTRUTURAL-DF

Pode-se observar que muitas respostas aludem às relações próximas, principalmente com a afetividade de grupos, então o sentimento de grupo parece ser um elemento muito importante para sensação de segurança e o compartilhamento de momentos alegres. Sendo assim, percebemos que para além desses processos racionais, em que é sabido por exemplo que é preciso investimento em políticas públicas para melhorar a segurança, acolhimento e qualidade de vida, há uma centralidade nos processos subjetivos, onde as pessoas se sentem seguras somente quando estão com os seus ou quando um estabelecimento é de propriedade de pessoas da sigla.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma pandemia, quarentena, isolamento, inflação, são algumas das diversas dificuldades que enfrentamos. O cenário que vivemos é desanimador: as lutas têm sido cada vez mais duras e a garantia de direitos constantemente ameaçada. Pudemos observar, no decorrer do projeto, no entanto, que para além dessas dificuldades e desafios, nós nos afetamos muito, nos acolhemos, nos fortalecemos. Queríamos então iniciar nossas considerações finais desse ponto: estamos falando de afeto durante todo o projeto, então escolhemos evidenciar os ganhos, redes formadas, trocas e apoio, evidenciar também nossa resiliência enquanto população LGBTQIA+ de periferia e sobretudo enaltecer nossas histórias, vivências e identidades. Ou seja, ressaltar como essas pessoas (nós) encontram estratégias diante das relações de poder estabelecidas na sociedade e no meio em que estão inseridas. Não à toa, ao longo do processo, criamos o termo “pesquisa afetiva”, que surgiu durante as nossas conversas e foi se construindo através da perspectiva de que estávamos ali falando sobre nossos corpos, nossas vidas e como essa pesquisa poderia nos afetar. Essa discussão foi tão extensa e calorosa que percebemos que queríamos uma pesquisa que não só mostrasse dados “frios”, mas que fizesse jus à nossas histórias, vivências e afetos, olhando o “afeto” enquanto potência capaz de transmitir nossa mensagem.

Mesmo que já tivéssemos ideia das dificuldades vivenciadas pela população LGBTQIA+ nos nossos territórios, sendo esta também a nossa vivência, ficamos muito preocupados com as respostas que recebemos nos questionários.

No decorrer dos encontros, da realização da pesquisa e das conversas extra, percebemos o quão importante era falarmos sobre como nós nos identificamos e como percebemos e vivenciamos a cidade, percebemos então que lidamos com diversas opressões todos os dias, que quando somadas, nos mostram um recorte específico do que foge a hegemonia internalizada no Brasil, hegemonia essa que hierarquiza as pessoas, por gênero, cor, classe social, religiosidade, entre outros aspectos. Segundo Gramsci, hegemonia seria a dominação cultural exercida por um grupo contra outro, estabelecendo as relações de poder. A hegemonia então precisa se atualizar, passar por renovações que sustentem sua posição de relevância, de influência e de controle sobre os opositores do segmento dominante (Gramsci, 1978).

E enquanto corpos que fogem a essa hegemonia, nos percebemos no meio de uma encruzilhada de informações e de dados, pudemos observar o quanto a percepção de violência, acolhimento e segurança é e pode ser diferente para cada corpo que vivência a cidade em sua especificidade, sendo assim pudemos também traçar novos panoramas, tanto enquanto projeto, instituição e coletivo, mas principalmente enquanto comunidade LGBTQIA+ nos nossos territórios.

É sobre se sentir seguro e acolhido quando juntos e juntas, é sobre se sentir confortável somente em lugares onde podemos minimamente usufruir de políticas públicas, durante a pesquisa percebemos que alguns dos locais que foram considerados “amigáveis, acolhedores ou seguros” para a população LGBTQIA+ nos territórios eram locais onde minimamente as pessoas teriam acesso a aparelhos e políticas públicas. É o caso, por exemplo, das praças na Estrutural, que evidenciam a ausência de Estado que a cidade enfrenta. Nessa linha de pensamento, podemos

inferir que toda a cidade sofre com a falta de estrutura e de políticas efetivas, mas aqui pudemos constatar o quanto é preciso pensar na interseccionalidade das pautas, como pudemos ver nos resultados da pesquisa. Nela, os dados se cruzam e mostram uma realidade que, embora assustadora, já faz parte do nosso cotidiano enquanto pessoas LGBTQIA+, negras, mulheres, periféricos.

A pesquisa nos mostra dados e nos traz uma análise acerca da vida de pessoas, de histórias que todos os dias são invisibilizadas e subjugadas, seja através das violências propriamente ditas, como agressões, assassinatos, genocídio da juventude negra ou da população trans. São dados que mostram o que essas pessoas, o que nós enfrentamos todos os dias, ou através da violência do Estado que além de não garantir direitos básicos para a população periférica, não permite que pautas para a juventude ou para a população LGBTQIA+ sejam levadas adiante.

Para reverter esse quadro, pensamos em alguns pontos que julgamos necessários para que um estabelecimento comercial seja considerado seguro e acolhedor para a população LGBTQIA+. Essa construção foi feita a partir dos resultados da pesquisa, das reuniões em grupo e traduzidos com o objetivo de fomentar e fortalecer espaços mais seguros para as pessoas LGBTQIA+ nos distintos territórios do Distrito Federal.

Seguem nossas sugestões abaixo:

- Análise do quadro de funcionários e promover uma diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero no local;
- Treinamento para os funcionários para enfrentar situações discriminatórias;
- Campanha de comunicação pró diversidade e cartazes, imagens e elementos que remetem a ser um local que acolhe todas as pessoas;
- Eventos de educação e conscientização nos estabelecimentos;
- Banheiros devem respeitar a identidade de gênero das pessoas



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL (CODEPLAN). **Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (Pdad)**: relatório do Distrito Federal. Brasília, 2019. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/wpcontent/uploads/2019/03/PDAD_DF-Grupo-deRenda-compactado.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2020.

COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL (CODEPLAN). **Um olhar sobre a população LGBT no Distrito Federal**. Brasília: Codeplan, 2017. Disponível em: <<http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Um-olhar-sobre-apopula%C3%A7%C3%A3o-LGBT-no-Distrito-Federal.pdf>>. Acesso em: 2 dez. 2020.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2000.



EXPEDIENTE

EQUIPE INESC

Conselho Diretor

Enid Rocha Andrade da Silva
Júlia Alves Marinho Rodrigues
Luiz Gonzaga de Araújo
Márcia Anita Sprandel
Pedro de Carvalho Pontual

Conselho Fiscal

Iliana Alves Canoff
Lucas de Alencar oliveira
Mario Lisbôa Theodoro
Suplente: Roseli Faria

Colegiado de Gestão

Iara Pietricovsky de Oliveira
José Antonio Moroni

Coordenadora da Assessoria Política

Nathalie Beghin

Gerente Financeiro, Administrativo e de Pessoal

Maria Lúcia Jaime

Assistente da Direção

Adriana Silva Alves
Ana Paula Felipe
Marcela Coelho M. Esteves

Equipe de Comunicação

Silvia Alvarez
Ana Carolina Soares
Thaís Vivas

Assessoria Política

Alessandra Cardoso
Carmela Zigoni

APOIO INSTITUCIONAL

BIC – Bank Information Center
Charles Stewart Mott Foundation
CLUA – Climate and Land Use Alliance
Fastenopfer
FLD- Fundação Luterana de Diaconia
Fundação Avina
Fundação Ford
Fundação Heinrich Böll
Fundação Itaú Social
Fundar
IBP – Center on Budget and Policy Priorities
ICS – Instituto Clima e Sociedade
KNH – Kindernothilf
Malala Fund
Misereor
OSF – Open Society Foundation

Cléo Manhas
Leila Saraiva Pantoja
Livi Gerbase
Luiza Pinheiro
Márcia Acioli
Tatiana Oliveira

Assessoria Técnica

Dyarley Viana de Oliveira

Educador/a Social

Thallita de Oliveira
Marcus Silva

Contadora

Rosa Diná Gomes Ferreira

Assistente de Contabilidade

Ricardo Santana da Silva

Técnico de Informática

Cristóvão Frinhani

Auxiliares Administrativos

Adalberto Vieira dos Santos
Eugênia Christina Alves Ferreira
Isabela Mara dos Santos da Silva
Josemar Vieira dos Santos

Auxiliar de Serviços Gerais

Roni Ferreira Chagas

Estagiários/as

Cássia Cristina
Icaro Sousa
Victor Queiroz
Walisson Braga da Costa

Oxfam Brasil
Pepsico do Brasil
PPM – Pão para o Mundo
Pulsante
Rainforest
SAGE- New Venture Fund

INESC – Instituto de Estudos Socioeconômicos

Endereço: SCS Quadra 01 - Bloco L, nº 17, 13º
Andar Cobertura - Edifício Márcia
CEP 70. 3037-900 - Brasília/DF

Telefone: + 55 61 3212-0200
E-mail: inesc@inesc.org.br
Página Eletrônica: www.inesc.org.br